

Ferreira de Castro e a Renovação

primeira parte

Ricardo António Alves

A *Renovação*, revista editada pela Confederação Geral do Trabalho, como complemento de *A Batalha* e em especial do seu *Suplemento Semanal Ilustrado*, foi um quinzenário que, pela periodicidade e até pelos recursos gráficos que um jornal não permitia, possibilitava a leitura de matérias tratadas com outra respiração, orientando-se para a formação e o lazer, e uma utilização mais generosa das ilustrações e fotografias, sem descuidar, naturalmente, os temas que afectavam e preocupavam os trabalhadores, a quem se destinavam as publicações da CGT.

O primeiro número saiu em 2 de Julho de 1925, com capa de Alonso e um preço de 1\$50, tendo por director Gonçalves Vidal e, a partir do terceiro número, Santos Arranha, elementos da central sindical, que nunca subscreveram qualquer texto.

Capa de Alonso para o primeiro número da *Renovação*

O manifesto editorial, não assinado, mas possivelmente da autoria de Eduardo Frias, proclama:

«Vamos dar batalha ao passado. [...] Pelas ideias avançadas, doutrinando, pela arte da vanguarda, orientando, pelo progresso da ciência, divulgando, combateremos contra o existente, no que ele tem de inadaptável, e contra o passado no que ele tem de mau, em prol duma humanidade melhor, digna, sadia, culta, bela. [...] Órgão de cultura do proletariado, que pretendemos ser, os estudos filosóficos e sociais, os problemas científicos, as questões de arte, aqui terão a sua crónica [...]. Os intelectuais que a sociedade actual teme e persegue, detesta e seduz, terão aqui um refúgio, todos – um refrigério.»¹

Os principais colaboradores, para além de Ferreira de Castro e Eduardo Frias – que no ano anterior assinara com o primeiro a novela *A Boca da Esfinge* e que, mais tarde, viria a ser um partidário do fascismo –, foram Nogueira de Brito, um musicólogo e importante olisipógrafo (a sua colaboração é do melhor que têm as páginas da *Renovação* no âmbito da divulgação cultural e de vultos ligados às diversas correntes revolucionárias), Mário Domingues, polígrafo e futuro autor de muitos livros de divulgação histórica, com grande sucesso, na década de sessenta, o socialista Ladislau Batalha, numa série de artigos sobre as superstições, e o monárquico liberal Rocha Martins – então director do semanário *ABC*, historiógrafo que Ferreira de Castro havia já elogiado nas páginas de *A Batalha* –, com uma rubrica muito do seu agrado sobre perfis de rebeldes ao longo da história. A ausência mais

notada será a de Jaime Brasil, então redactor de *O Século*, embora, pela leitura que fiz, esteja convencido de que vários artigos sobre assuntos diversos – da arte à sexualidade – sejam da sua autoria. Outros colaboradores esporádicos: Bento Faria, Cristiano Lima, Julião Quintinha, José Carlos de Sousa, Eugénio Navarro, Alfredo Marques, Alberto de Magalhães, David de Carvalho, António Lima, além de um Eucaristino de Mendonça – nome terrível, provavelmente pseudónimo... – com um artigo sobre Walt Whitman.

Ferreira de Castro, em 1925, era um jornalista *freelancer*, dispersando o seu trabalho por várias publicações. Conforme recordou, cerca de uma década mais tarde, num livro de homenagem ao seu amigo, entretanto falecido, Reinaldo Ferreira (o célebre Repórter X):

«Tempos houve em que eu e ele éramos, entre os jornalistas portugueses, aqueles que mantinham maior número de colaborações. Sem honorários fixos, mal retribuídos os trabalhos avulsos, tínhamos de escrever por mês, para vivermos, dezenas e dezenas, mais, muito mais duma centena de artigos, novelas, contos e crónicas, que publicávamos em numerosíssimas revistas e jornais de Lisboa, ilhas, colónias e Brasil.»²

Neste período, a maior parte da produção jornalística do escritor destinava-se à revista semanal *ABC*, de Rocha Martins, e à *Batalha*, em especial ao seu *Suplemento Semanal Ilustrado*. É conhecida a referência de Ferreira de Castro ao diário da CGT, publicado por Jacinto Baptista, e que vale a pena recordar aqui:

«Eu escrevo em muitos jornais – e em todos eles com independência. Mas há um apenas em que eu me sinto verdadeiramente livre, um apenas em que eu julgo não serem efémeras as minhas ideias, os meus períodos, as minhas palavras – é neste. É n'A *Batalha*. Minha pena encontra novas expressões, novas arremetidas, novos entusiasmos. É n'A *Batalha* onde se pode ter a noção das duas grandes coisas que eu amo na vida, depois de me ter desiludido de tantas outras – o Futuro e a Liberdade.»³

Do ponto de vista literário, Castro estava ainda a meio de encontrar o seu caminho. Para além das obras juvenis publicadas no Brasil, em 1916, o romancinho *Criminoso por Ambição* e a curta peça *Alma Lusitana*, é em 1921 que o escritor edita o primeiro título em Portugal, esse interessantíssimo *Mas...*, uma miscelânea de ensaios e texto ficcional, livro de 100 páginas em que o jovem autor procura afirmar o nome na selva literária. *Emigrantes*, que, como sabemos, deu um novo rumo à obra castriana e ao romance português, foi escrito em 1927 e publicado no ano seguinte.

É, assim, natural depararmo-nos, nos 24 números da *Renovação*, com uma colaboração abundante e diversificada, traduzida em 20 textos assinados, mais – pelo menos – sete que o não foram, mas inequivocamente da sua autoria. Nesta pesquisa, não surgiram propriamente novidades relativamente ao que sabemos do seu pensamento, mas, por outro lado, aparecem elementos que completam algo do que já se conhecia, além de referências autobiográficas interessantes.

Ferreira de Castro, na *Renovação*, aborda três grandes temas que estarão sempre na base das suas preocupações: a questão social, entrosada com o problema político; a arte; e a sua própria individualidade enquanto homem, jornalista, escritor e cidadão. Vamos pois, sumariamente, ver de que tratam esses textos, descortinando ocasionalmente os ecos deles no seu trabalho de maturidade, isto é, de *Emigrantes* a *Os Fragmentos*, que Ferreira de Castro deixou preparados para publicação no

ano da sua morte, em 1974.

Subjacente aos escritos de Ferreira de Castro está sempre a denúncia da iniquidade da organização social. A maioria, que cria a riqueza, trabalha e é explorada para o bem-estar da classe possidente e parasitária; a vida que merece ser vivida, está reservada só a alguns, e o trabalho constituiu-se quantas vezes em perigo para quem dele se não pode eximir. O quadro geral que Ferreira de Castro nos dá da sociedade portuguesa oscila entre a opulência e a alfurja, e os seus escritos revelam alguma violência em face dessa antinomia.

«Lutemos pelas férias dos que trabalham!» é o primeiro artigo de Ferreira de Castro no número inicial da *Renovação*, uma defesa das férias pagas a exemplo do que se praticava em vários países da Europa:

«[...] Iniciou-se já essa hora em que as praias elegantes, onde o mar vem tecer seus folhos de espuma e entoar sua ária de eterno rebelde, se enchem de grupos numerosos, de barracas de lona, onde acampam de manhã e à tarde, deliciosas mulheres, que levam nos lábios vermelhos o segredo do amor e nos olhos a nostalgia da distância infinita. [...] Não são decerto – oh! dolorosa certeza que torna mais vermelhas as rosas da rebeldia e mais vivas as chagas da injustiça social! – aqueles que mais trabalharam, aqueles que mais esgotaram seu corpo e seu espírito, durante todas as estações do ano. São precisamente aqueles que não fazem mais do que espoliar o seu semelhante ou gozar a espoliação que seus antepassados fizeram; são precisamente aqueles que não conhecem as agruras dum trabalho exaustivo, permanente, devorador de todas as energias, que agora demandam a tranquilidade dos campos e a carícia das brisas marinhas. [...]»⁴

O lazer está naturalmente vedado aos trabalhadores: Num artigo intitulado «Do sortilégio da distância ao encanto de viajar», escreve:

«Admirar, compreender que o mundo é pequeno, sentir-se livre, deixar-se vogar, num longo sonho errante, numa inquietude de todas as horas, numa curiosidade de todos os momentos... / [...] / A vida parece ser inimiga do sonho, parece querer vedar-nos todos os prazeres inebriantes que para nós ela própria criou. / [...] é um prazer reservado aos poderosos, aos ricos, como reservados lhes são todos os prazeres que o mundo encerra. [...] / [...] A Humanidade está presa, chumbada ao seu poste, crucificada ao madeiro das suas necessidades mais prosaicas, agrilhoadas, algemadas, ante seus algozes que tripudiam sobre o mundo, que se apossaram do mundo, que fizeram dos prazeres da vida um vasto monopólio.»⁵

Não resisto aqui a evocar uma passagem do magnífico «pórtico» de *Emigrantes*, em que surge muito nítido este dedo na ferida da condição de ser descartável que estava (e continua a estar) destinado a grande parte da Humanidade:

«Nascerem por uma fatalidade biológica e quando, aberta a consciência, olham para a vida, verificam que só a alguns deles parece ser permitido o direito de viver. Uns resignam-se logo à situação de elementos supérfluos, de indivíduos que excederam o número, de seres que o são apenas no sofrimento, no vegetal fisiológico de uma existência condicionada por milhentas restrições. Curvam-se aos conceitos estabelecidos de há muito, aceitam por bom o que já estava enraizado quando eles chegaram e deixam-se ir assim, humildes, apagados, submissos, do berço ao túmulo – a ver, pacientemente, a vida que vivem outros homens mais felizes.»⁶

Mas há os que não se resignam, e o romance trata desses que emigram em busca de uma vida melhor. E há também os que não vergam, os que não se adaptam, os que ficam à

margem, até a sociedade lidar com o perigo. E então – voltamos à *Renovação* – encarceram, neutralizam, expõem para o degredo, pena comum à época. Castro, que em criança se sentiu um degredado, argumenta:

«Dir-me-ão: - esses homens são criminosos! / Não o ignoro. Mas quantos não irão nas condições desse rapaz que não tinha pão, que não tinha tecto e a quem negaram trabalho quando ele quis trabalhar? / E aos outros, quem lhes leccionou o crime? / Um monstro somente: a sociedade.»⁷

Frequentemente, para Castro, é este monstro que faz vir ao de cima o pior que existe em nós:

«[...] quantas vezes, quantas! Os bons sentimentos são adulterados pela organização social, egoísta, inumana; organização que leva o indivíduo a claudicar perante si mesmo, a claudicar depois perante os outros, até personificar a próxima claudicação. / [...] quantos são vítimas e não réus, vítimas da falta de solidariedade humana, da falta de educação espiritual, vítimas do egoísmo burguês, vítimas indefesas da actual sociedade!»⁸

Castro observa os condenados ao degredo, em Lisboa, no ano de 1925, a caminho do cais no Tejo e do barco que os expatriará: «Via-os com esse mesmo passo e sob essa mesma feroz vigilância com que outrora os escravos marchavam através das selvas africanas para o negreiro que os havia de levar a outros continentes – a mercados longínquos onde a sua carne fosse leiloada.»⁹ É uma imagem sugestiva dos prisioneiros a que ele voltará mais tarde, quer em *O Intervalo*, escrito em 1936, mas só publicado em 1974, quando descreve os insurrectos anarco-sindicalistas de Sevilha, na Revolta da Andaluzia, de 1931, aprisionados em fila a caminho da prisão; ou em *As Maravilhas Artísticas do Mundo* (1959-1963), numa passagem comovente, evocando populações inteiras arrebanhadas pelo exército do poderoso rei assírio Assurbanipal...

Ferreira de Castro, que por esse então escrevera *A Epopeia do Trabalho*, publicada no *Suplemento Semanal Ilustrado* de *A Batalha*, com desenhos de Roberto Nobre, lamenta que os que lutam pelo trabalho, o façam quantas vezes arriscando a vida. Ele recorda, num outro texto, «o drama dos pescadores» no Inverno, cuja existência oscila entre «a fome, na cabana onde há mulher e filhos, e lamentos e frio a trespassar tudo, ou o perigo, o desafio à morte, lá onde parecem mais azuis as ondas, lá donde se perde a linha negra da terra...»¹⁰ – ao mesmo tempo que «os grandes industriais de pescarias, de conserva, gozam o produto do verão – em casas com todos os requintes de conforto, em casas onde lhes é agradável, sentados num cómodo *maple* e fumando um bom charuto, escutar o ruído que a chuva faz nos vidros da janela...»¹¹

O Inverno que prodigaliza à modesta alegria dos pobres as castanhas, a maçã assada, as laranjas, as romãs, a beleza dos crisântemos, esse Inverno que Ferreira de Castro, espírito romântico e contemplativo da Natureza, teima em admirar nestes termos:

«É necessário que não se saiba compreender a dor profunda mas bela duma árvore, erguendo seus braços para a indiferença do céu, para não se sentir o encanto do inverno. E se vivêssemos numa sociedade justa, se quando há frio todos tivessem um pouco de calor, se não houvesse corpos tiritando nas esquinas da noite e mães que nem farrapos têm para agasalhar seus filhos, o inverno seria até uma estação encantadora, como hoje é, de facto, para esses burgueses que nos salpicam de lama com os seus automóveis, que têm assinatura nas *premieres* dos teatros, que usam esplêndidas peliças e que habitam em casas aquecidas por *chauffage* central...»¹²

continua na próxima página

Num dos melhores textos publicados na revista, «Os vapores como síntese da sociedade actual», o barco surge como um microcosmo correspondente à estratificação social, como «uma jangada dos preconceitos actuais fluando impunemente ao longo dos oceanos bravios [...] uma síntese formidável desta sociedade de ouro e sangue [...]»¹³ Na primeira classe, «o luxo e a opulência» servem quem? Ele o diz: «ricos exploradores argentinos, disfarçados de comerciantes» ou «glabros piratas ingleses, mascarados de industriais»; a segunda classe, por sua vez, «é bem uma mascarada. Ali vão os ambiciosos ainda não triunfantes, os que se deixam roer intimamente por todos os apetites; os que invejam os de primeira classe e os que desprezam os de terceira», os falsos, ambiciosos, preconceituosos, «tal como [sucede] nas segundas classes de terra – nas classes médias...»¹⁴ Falta

«o curral flutuante, onde vão os miseráveis, os emigrantes [...]. Vão ali acumulados, envoltos em imundície como animais. E até as suas risadas, as suas palestras, os seus jogos de cartas, têm um ambiente soturno, sombrio – um ambiente de literatura russa. Há mulheres, há velhos que mastigam palavras, que removem pensamentos; há crianças e homens; há diversos idiomas; há algaraviadas singulares e dolorosa promiscuidade de vidas.»¹⁵

Um breve aparte: este texto trouxe-me à memória um outro, escrito mais de meio século antes, pelo então também jovem Eça de Queirós, no qual o futuro romancista de *Os Maias* descreve, na *Gazeta de Portugal*, um prédio lisboeta, com os seus primeiros andares «resplandecentes», onde «as mãos são macias e macios os sentimentos», até aos desgraçados de «debaixo dos telhados, os mendigos, os esfomeados, os miseráveis [que] se catam ou roem côdeas [...], cantando impuramente.»¹⁶ Castro, que era jornalista, convidado a visitar um pacote recém-construído, quis ver a terceira classe. «Não era possível – pensava – que uma empresa de navegação teimasse em manter nos seus mais recentes barcos aquelas imundas terceiras classes, tão parecidas com os porões dos negreiros que transportavam escravos das costas africanas para a América.» O repórter seria, porém, desenganado: «Tive de abandonar o lóbrego recinto, porque me sentia sufocado de revolta, de indignação» – «os miseráveis, os humildes, os tristes emigrantes [...] foram esquecidos – para eles a civilização, o conforto, a sanidade, a luz, eram coisas que não existiam, eram coisas desconhecidas nesse ano de 1925 em que esse vapor foi construído...»¹⁷

Se a organização social é defeituosa, é-o em grande parte graças ao aparelho repressivo do estado, que a sustenta, tendo como agentes, os governos, as forças armadas e policiais, os tribunais e a Igreja. Para Ferreira de Castro, a sociedade burguesa não concede aos cidadãos senão uma «limitadíssima liberdade», pois não se é livre sem pão, sem tecto nem trabalho. O aparelho judicial, repressor, sustenta-se num corpo legislativo que, no que respeita aos direitos humanos, é uma «ficção»¹⁸ que muitas vezes não passa de «vingança».¹⁹ Ouçamo-lo:

«Essa Justiça burguesa, essa justiça que ainda hoje predomina, essa justiça que tem o olhar vendado para melhor esconder a parcialidade que os seus olhos não podiam deixar de

reflectir; essa justiça que perde a sua imobilidade para afagar os poderosos, estendendo sobre eles um dos braços em gesto de absolvição, enquanto o outro, atirando por terra essa simbólica balança onde a mesma culpa tem pesos diferentes, cai implacavelmente sobre os fracos, sobre os desprotegidos do Ouro; essa justiça que é como um bonzo, indiferente a todo o movimento inovador, a todas as ideias novas, porque a sua oca cabeça está cheia de dogmas, de ideias-feitas; essa justiça venal, corrompida, que fica a soldo do primeiro que lhe oferece algumas moedas; essa justiça em nome da qual os grandes potentados vivem, exploram e traficam, espezinhando as colectividades, destruindo todos os direitos; essa justiça que é hoje a mais forte arma duma sociedade iníqua, não representa, não interpreta os anseios dos espíritos modernos.»²⁰

Mal sabia Ferreira de Castro que tinha entrado num ciclo político que consagraria os «tribunais plenários», a mais miserável e degradante ficção judicial do Portugal contemporâneo, e diante dos quais ele tantas vezes viria a testemunhar a favor de quantos eram perseguidos, presos e torturados...

Castro era crítico da chamada democracia burguesa, e não tinha grandes contemplações para com a chamada classe política. Por ocasião do congresso fundador da União Liberal Republicana, em Março de 1926, liderada por um dos figurões do regime, Cunha Leal, escreve: «[...] as instituições políticas, depois de haverem ultrapassado as próprias fronteiras da corrupção, entram em pleno reino da opereta, como nesse congresso partidário que há dias se realizou [...]»²¹

Mas é claro que o nosso autor fazia a distinção entre essa imperfeita democracia burguesa e as ditaduras dos militares que vinham ameaçando com maior perigo desde o 18 de Abril do ano anterior, mas para as quais vinham trabalhando políticos do regime, como o referido Cunha Leal:

«[...] certos bonzos das velhas ideias que estão ligados a essas instituições [os partidos políticos] pelo cordão umbilical de interesses nem sempre confessáveis, pregam e organizam na sombra a alvorada negra duma ditadura – é dizer, o crepúsculo sangrento da Liberdade. Crepúsculo transitório, é certo, porque nem hoje existe a verdadeira Liberdade, nem a Liberdade é conquista que se deixe derrotar pelas botas e pela espada dum caserneiro.»²²

Como se enganava...



No exterior, o fascismo de Mussolini «simboliza a escravidão [pois] não pode haver qualquer espécie de pensamento quando à frente dum país se coloca não um cérebro mas uma pata»²³; a ditadura de Primo de Rivera é uma afronta à inteligência, que nem sequer respeita «a glória dum Unamuno, génio e orgulho já não da península mas até da própria

Europa.»²⁴

Já sobre a Rússia soviética, em situação de confusão interna e disputa do poder, subsequente à morte de Lenine, em 1924, Castro tem uma postura crítica, mas ainda benevolente. Há problemas, é certo, há recuos, mas tal deve-se ao cordão sanitário imposto pelas potências ocidentais; e perante a «vergonha para a Europa civilizada»²⁵ que representava o regime do czar, onde imperava; a repressão e a pobreza, a Revolução Russa constituiu «um grande passo no caminho da emancipação.»²⁶ É verdade: «a actual situação russa não satisfaz aqueles que como nós, amam a liberdade sem restrições e querem a desapareição das classes e não o predomínio de uma sobre a outra»²⁷; mas para o jovem comunista libertário, entre a Rússia de 1925 e a anterior a 1917, o saldo positivo vai para a primeira: «Só os obcecados, os fróis da tirania, podem afirmar o contrário.»²⁸ Noutro texto, que é também de repúdio do colonialismo, Castro rejeita validade aos homens providenciais, a propósito do surgimento em Madrastra, na Índia, dum alegado novo messias, Jiddu Krishnamurti (1895-1986) – pensador que, ao contrário do que Castro supunha, e os ecos mediáticos davam então a entender, estava muito afastado de um messianismo caricatural e muito mais próximo inclusivamente, em alguns aspectos, do pensamento do próprio Ferreira de Castro. Mas tendo essa percepção, Castro elogiava em contrapartida Gandhi, que, «fazendo crepitar a rebeldia, levará os seus compatriotas para a emancipação, furtando-se ao domínio inglês»²⁹, enquanto que o incompreendido Krishnamurti «derramando os óleos da crença, propagará a resignação, é dizer, a escravidão à Inglaterra.»³⁰

E chegamos, depois da tropa e dos tribunais, ao terceiro grande pilar da sociedade velha: a Igreja, tenebrosa e negregada. Toda a *Renovação* está eivada do mais virulento anticlericalismo. O padre é uma figura sinistra, normalmente corruptora de jovens ingénuas e indefesas... Ferreira de Castro não vai tanto por aí. Ele é um ateu, e na *Renovação* professa o ateísmo, que ele designa por «ventania higiênica.»³¹ Numa coluna que assinou apenas por duas vezes, intitulada «Ideologia» (com um interessante cabeçalho gráfico de Roberto Nobre), espaço de reflexão aforística, Castro sustenta, no dia-de-todos-os-santos do ano da

Graça de 1925, e ainda muito na pegada de Nietzsche: «É o catolicismo uma religião de escravos que, receando perder os amos terrestres, que são transitórios, recorreram a deus, que é um amo eterno»³²; ou ainda: «Todas as religiões são grilhetas morais, todos os deuses são carcereiros do espírito – e por isso, eu que fui um homem livre, não tive

religiões nem tive deuses.»³³

Erradicar a religião, não pela força, já se vê, mas pelo progressivo esclarecimento do ser humano apresenta-se-lhe como a solução ideal e necessária, tal o que se verifica num texto a propósito do Natal:

«O Natal é, essencialmente, a festa dos ausentes, a festa dos que passaram o ano fora do lar e que regressam naquele dia ou que mesmo naquele dia não regressam, dando assim pretexto a que sejam evocados com saudade [...] / Fora da religião, com um carácter essencialmente familiar, o Natal prossegue como festa da Ausência para a qual nada concorre o fantasma de deus. / E é bom que assim seja, porque deus sendo uma abstracção tem exercido sobre a humanidade uma opressão muito mais fatal do que todos os déspotas concretos... Com a morte dessa abstracção deixará de existir o último escravo.»³⁴ ■

¹ *Renovação*, n.º 1, Lisboa, 2 de Julho de 1925, p. 1 (ortografia actualizada, aqui e nas restantes citações). A colecção completa está à consulta dos investigadores no Museu Ferreira de Castro, em Sintra.

² Ferreira de Castro, «Reinaldo Ferreira», *O Livro do Repórter X*, Lisboa, Agência Editorial Brasileira [1936], pp. 62-63.

³ *A Batalha*, 23 de Fevereiro de 1926, in Jacinto Baptista, *Surgindo vem ao Longe a Nova Aurora... – Para a História do Diário Sindicalista A Batalha / 1919-1927*, Lisboa, Livraria Bertrand, 1977, p. 10.

⁴ Ferreira de Castro, «Ante os pórticos do estio – Lutemos pelas férias dos que trabalham!», *Renovação*, n.º 1, Lisboa, 2 de Julho de 1925, pp. 10-11.

⁵ Ferreira de Castro, «Do sortilégio da distância ao encanto de viajar», *Renovação*, n.º 3, Lisboa, pp. 10-11.

⁶ Ferreira de Castro, *Emigrantes*, 25.ª edição, Lisboa, Guimarães Editores, 2007.

⁷ Ferreira de Castro, «A caminho do degredo e as responsabilidades da sociedade», *Renovação*, n.º 10, Lisboa, 15 de Novembro de 1925, p. 7.

⁸ *Ibidem*.

⁹ *Ibidem*, p. 6.

¹⁰ Ferreira de Castro, «O Inverno e os pescadores», *Renovação*, n.º 16, Lisboa, 15 de Fevereiro de 1926, p. 6.

¹¹ *Ibidem*, p. 7.

¹² [Ferreira de Castro] «As flores e os frutos do Inverno», *Renovação*, n.º 12, Lisboa, 15 de Dezembro de 1925, pp. 2-3. Nos artigos não assinados, como sucedeu com este, o nome do autor será citado entre parênteses rectos. A atribuição da autoria é minha.

¹³ Ferreira de Castro, «Vida de esplendor e vida de miséria – Os vapores como síntese da actual sociedade», *Renovação*, n.º 23, Lisboa, 1 de Junho de 1926, p. 13.

¹⁴ *Ibidem*, p. 14.

¹⁵ *Ibidem*, p. 13.

¹⁶ Eça de Queirós, «Lisboa», *Prosas Bárbaras*, edição de Jaime Batalha Reis, Lisboa, Livros do Brasil, s.d., p. 187.

¹⁷ Ferreira de Castro, «Vida de esplendor e vida de miséria – Os vapores como síntese da actual sociedade», *Renovação*, n.º 23, Lisboa, 1 de Junho de 1926, p. 14.

¹⁸ *Ibidem*, p. 5.

¹⁹ Ferreira de Castro, «A ideia evolutiva da justiça», *Renovação*, n.º 23, Lisboa, 1 de Junho de 1926, p. 1.

²⁰ *Ibidem*.

²¹ Ferreira de Castro, «Os intelectuais e as ditaduras», *Renovação*, n.º 18, Lisboa, 15 de Março de 1926, p. 1.

²² *Ibidem*.

²³ *Ibidem*.

²⁴ *Ibidem*. Alusão à demissão da cátedra em Salamanca e ao exílio imposto ao velho filósofo.

²⁵ [Ferreira de Castro], «O 9.º aniversário da Revolução Russa», *Renovação*, n.º 10, Lisboa, 15 de Novembro de 1925, p. 10.

²⁶ *Ibidem*, p. 9.

²⁷ *Ibidem*.

²⁸ *Ibidem*, p. 10.

²⁹ Ferreira de Castro, «A morte dos apóstolos», *Renovação*, n.º 22, Lisboa, 15 de Maio de 1926, p. 1.

³⁰ *Ibidem*.

³¹ *Ibidem*.

³² Ferreira de Castro, «Ideologia», *Renovação*, n.º 9, Lisboa, 1 de Novembro de 1925, p. 5.

³³ *Ibidem*.

³⁴ [Ferreira de Castro] «O Natal fora da religião», *Renovação*, n.º 13, Lisboa, 1 de Janeiro de 1926, pp. 1-2.

Erva Rebelde: uma revista libertária

António Margalha

Saiu em Abril o nº 1 da *Erva Rebelde*, revista libertária sediada no Porto. Excelente aspecto gráfico e artigos interessantes para o movimento libertário é o que podemos encontrar neste nº 1. No editorial é feita uma proposta de intenções sobre o lento mas seguro caminho que os anarquistas não só em Portugal mas também no mundo têm que trilhar.

M. Ricardo Sousa escreve sobre os arrependi-

dos do esquerdismo luso. Interessante e bem documentado. Luís Chambel faz uma análise da esquerda institucional, PC e BE, através das suas declarações de princípios. Em «As mulheres curdas», Ceren Akyos dá-nos a conhecer uma realidade bem presente e surpreendente. Outros artigos completam a revista como: «Brasil: eleições 2016», de Heitor dos Rios, «Liquidação do socialismo libertário em Cuba: Fim de uma utopia», por Carlos M. Estefania, «A criança e os seus inimigos», de Emma Goldman, «L'Homme Nu», por Marc

Dugain e Christophe Labbé, «Educação Anarquista hoje: perspectivas e possibilidades», de Paulo L.A. Marques, «Sobre «Anarquismo e Mudança Social» de Gaetano Manfredonia», por René Berthier, um artigo sobre o CCL recordando José Correia Pires, por Carlos Gordilho e ainda um poema de Luís Chambel, «Greve Selvagem». E, por fim, resumos de leitura coordenados por Luís Chambel e Ana da Palma. *Erva Rebelde*, revista a adquirir e ler com redobrada atenção.

Pedidos para ervarebelde@riseup.net ■